

Para Stephen, Barbara, Richard, Bebe, Judy,
Michael e Rachel

Título original: *The Quest for Excitement*
© 1985 by Norbert Elias and Eric Dunning
Todos os direitos para publicação desta obra reservados só para Portugal por:



Denominação Social — DIFEL 82 — Difusão Editorial, Lda.
Sede Social — Rua D. Estefânia, 46-B
1000 LISBOA
Capital Social — 60 000 000\$00 (sessenta milhões de escudos)
Telex: 33 76 77 - 54 38 39 - 352 23 10
Contribuinte n.º — 501378537
Matrícula n.º 3007 — Conservatória do Registo Comercial de Lisboa

Memória e Sociedade

Colecção coordenada por Francisco Bethencourt e Diogo Ramada Curto

Capa: *Emílio Tavora Vilar*
Revisão: *Maria Manuela Vieira e Ayala Monteiro*
Composição: *Maria Esther — Gab. Fotocomposição*
Impressão e acabamento: *Tipografia Guerra, Viseu 1992*
Depósito Legal n.º
ISBN 972-29-0203-2

Proibida a reprodução total ou parcial sem prévia autorização do Editor

CAPÍTULO IV

Ensaio sobre o desporto e a violência

Norbert Elias

1

Há alguns séculos, o termo *sport* era usado em Inglaterra, juntamente com a versão *disport*, para designar uma variedade de passatempos e divertimentos. Em *A Survey of London*, escrita no final do século XVII¹, temos conhecimento do «espectáculo realizado por cidadãos, para diversão* do jovem príncipe Ricardo», ou sobre o «divertimento** e passatempos que se costumavam realizar anualmente, primeiro na festa de Natal... Havia na casa dos reis... um «senhor da desordem», ou «mestre de joviais» desportos***...»². No decurso do tempo, o termo «desporto» passou a ser padronizado como um termo para formas específicas de recreação nas quais o esforço físico desempenhava o principal papel — formas específicas de um tipo de recreação que se desenvolveu primeiro em Inglaterra e que, a partir daí, se espalhou por todo o mundo. A propagação destas formas inglesas de ocupação de tempo livre ligar-se-ia ao facto de as sociedades onde as pessoas as adoptaram terem passado por mudanças estruturais semelhantes àquelas que a Inglaterra havia conhecido antes? Seria isso devido ao facto de a Inglaterra estar adiantada, relativamente aos outros países, quanto à «industrialização»? O caminho paralelo destes dois processos, a difusão a partir de Inglaterra de modelos de produção industrial, de

¹John Stow, *A Survey of London* (1956), publicado pela primeira vez em 1603 e reimpresso em Oxford, em 1908.

²Ibid., p. 96 e seguintes.

**Disport* (N. da T.)

***Sportis* (N. da T.)

****Merry disports* (N. da T.)

organização e de trabalho e a difusão das formas de ocupação de tempo livre do tipo conhecido como «desporto» e dos tipos de organização relacionados com ele é, certamente, notável. Como hipótese inicial, não parece despropositado supor que a transformação da forma segundo a qual as pessoas utilizavam o seu tempo livre seguiu de mão dada com a transformação da maneira segundo a qual trabalhavam. Mas quais eram as ligações?

Muita reflexão tem sido dedicada ao processo de industrialização e às suas condições. Falar de processo de «desportivização» pode produzir um efeito desagradável ao ouvido. O conceito soa de modo estranho. Apesar disso, ajusta-se bastante bem aos factos observados.

No decurso do século XIX — e, em alguns casos, mais cedo, na segunda metade do século XVIII —, com a Inglaterra considerada como um modelo, algumas actividades de lazer exigindo esforços físicos assumiram também noutros países as características estruturais de «desportos». O quadro das regras, incluindo aquelas que eram orientadas pelas ideias de «justiça», de igualdade de oportunidades de êxito para todos os participantes, tornou-se mais rígido. As regras passaram a ser mais rigorosas, mais explícitas e mais diferenciadas. A vigilância quanto ao cumprimento das regras tornou-se mais eficiente; por isso, passou a ser menos fácil fugir às punições devidas a violações das regras. Por outras palavras, sob a forma de «desportos», os confrontos de jogos envolvendo esforços musculares atingiram um nível de ordem e de autodisciplina nunca alcançados até aí. Além disso, sob a forma de «desportos», as competições integraram um conjunto de regras que asseguravam o equilíbrio entre a possível obtenção de uma elevada tensão na luta e uma razoável protecção contra os ferimentos físicos. A «desportivização», em resumo, possui o carácter de um impulso civilizatório comparável, na sua orientação global, à «curialização» dos guerreiros, onde as minuciosas regras de etiqueta representaram um papel significativo e do qual tratei num outro lugar³.

A tendência muito divulgada de explicar quase tudo aquilo que ocorreu no século XIX como o resultado da Revolução Industrial

faz com que as explicações sejam, assim, um pouco cautelosas. Sem dúvida que a industrialização e a urbanização desempenharam um papel no desenvolvimento e na difusão das formas de ocupação de tempo livre com as características de «desportos», mas também é possível que, tanto a industrialização como a desportivização, tenham sido sintomáticas de uma transformação mais profunda das sociedades europeias, que exigia dos seus membros individuais uma maior regularidade e diferenciação de comportamentos. O peso crescente e a maior diversidade das cadeias de interdependência podem ter tido alguma coisa a ver com isso. Este processo fundamenta a sua expressão na submissão tanto dos sentimentos das pessoas e das suas acções a um horário regulador minuciosamente diferenciado como na responsabilidade, a que era igualmente difícil de escapar, em termos de dinheiro. É possível pensar que as sociedades europeias, falando de uma maneira geral, sofreram, desde o século XV em diante, uma transformação que forçou os seus membros a uma lenta e crescente regularidade de conduta e de sensibilidade. A rápida aceitação do tipo de passatempos de desportos nos países continentais seria, talvez, um sinal da necessidade cada vez maior de actividades de recreação mais ordenadas, de maior regulamentação e menor violência física na sociedade em geral? Investigações futuras podem contribuir para dar uma resposta a estas questões. De momento, será suficiente esclarecer e ordenar algumas das questões que envolvem o desenvolvimento dos próprios desportos. No passado, o termo «desporto» foi usado com frequência, de modo indiscriminado, a propósito de tipos específicos de actividades de lazer modernas e, também, de actividades de lazer das sociedades num estágio anterior de desenvolvimento, da mesma maneira que, frequentemente, se refere a «indústria» moderna e, ao mesmo tempo, a «indústria» das pessoas da Idade da Pedra. Aquilo que afirmei chegará para realçar, com maior nitidez, o facto de o desporto ser algo relativamente recente e novo.

³Norbert Elias, *State Formation and Civilization*, 1982, p. 258 e seguintes. «Feudalização» é um exemplo de um impulso na direcção oposta.

Se alguém começar a investigar, recuando no tempo, partindo desta breve visão da propagação do movimento dos desportos no exterior de Inglaterra para o precedente desenvolvimento do des-

porto na própria Inglaterra, terá de pensar qual será a melhor forma de prosseguir. Como é que se encontram provas seguras sobre processos de crescimento — sobre o desenvolvimento dos jogos e outras actividades de lazer, até à forma a que se aplica o termo «desporto»? Quantos destes desenvolvimentos, pode pensar-se, ficaram sem registo. Será que existem dados suficientes para a reconstrução dos processos em que alguns passatempos adquiriram as características de desportos e nos quais cada desporto, por sua vez, adquiriu as suas próprias características distintivas?

Não são tanto as provas que faltam. Mas ao procurá-las é-se, frequentemente, impedido de prestar atenção a semelhante prova, tal como ela é, devido a preconceitos sobre escrever história, em geral, e sobre escrever a história dos desportos, em particular. Deste modo, ao estudar o desenvolvimento de um desporto, muitas vezes é-se conduzido pelo desejo de lhe estabelecer uma longa e respeitável ascendência. E, neste caso, fica-se em condições de seleccionar, como relevantes para a sua história, todos os dados acerca de jogos praticados no passado que apresentem alguma semelhança com a forma actual do desporto particular cuja história se está a escrever. Se alguém encontra numa crónica do século XII a referência de que, já nesse tempo, os rapazes de Londres iam, em certos dias, para os campos, jogar com uma bola, inclina-se a concluir que esses jovens já então estavam a jogar o mesmo jogo que, sob o nome de futebol, passou a ser um dos maiores jogos de Inglaterra e que, sob essa forma, se tem propagado por todo o mundo⁴. Mas tratar desta maneira as actividades de lazer de um passado bastante distante, como sendo mais ou menos idênticas às do seu próprio tempo — o «futebol» do século XII com o futebol do passado século XIX e século XX —, impede que sejam colocadas no centro da investigação as seguintes perguntas: de que maneira e porque é que jogar com uma grande bola de couro se desenvolveu para esta

forma particular? Impede que se pergunte como e porque é que se desenvolveram regras e convenções particulares que determinam agora a conduta dos jogadores quando efectuam o jogo e sem as quais o jogo não seria «futebol» no nosso sentido da palavra. Ou de que maneira e porque é que se desenvolveram as formas particulares de organização, que possibilitam a estrutura mais imediata para o desenvolvimento de tais regras e sem a qual elas não se poderiam manter e controlar.

A respeito de todas estas questões, o treino, o estudo e a observação a que aplicamos agora o termo «sociológico» dirigem a atenção para problemas e, por consequência, para a demonstração, a qual nem sempre é considerada como possuindo a relevância fundamental dentro da tradição dominante do escrever história. A história dos sociólogos não é história dos historiadores. Prestar atenção às regras e normas que governam o comportamento humano, num dado tempo, e às organizações no interior das quais essas regras são mantidas e a sua observância controlada passou a ser um trabalho bastante comum das investigações sociológicas.

Aquilo que é ainda muito invulgar no presente é a atenção a regras e normas em desenvolvimento. O problema do como e do porquê regras e normas se tornaram naquilo que elas são num dado momento não é explorado, com frequência, de maneira sistemática. Além disso, sem a investigação de tais processos, uma dimensão completa da realidade social permanece fora de alcance. O estudo sociológico dos jogos-desporto, para além do seu interesse intrínseco, desempenha também a função de um projecto-piloto. Encontram-se aqui, num campo que é relativamente limitado e acessível, problemas de um tipo que muitas vezes surge noutras áreas maiores, mais complexas e menos acessíveis. Os estudos sobre o desenvolvimento dos desportos proporcionam experiências de várias formas e, por vezes, conduzem a modelos teóricos que podem contribuir para investigação dessas áreas. O problema do como e do porquê se desenvolveram regras é um exemplo. O estudo estático das regras ou normas, como algo definitivamente adquirido, conduziu com frequência, no passado, e continua a conduzir hoje, a um quadro equívoco e, de algum modo, irrealista da sociedade.

Se fossem testadas as teorias correntes da sociedade, descobrir-se-iam fortes tendências para considerar normas e regras — na

⁴É assim que Geoffrey Green, na sua *History of the Football Association* (Londres, 1953, p. 7), faz a referência ao «famoso jogo de bola» (*Undum pilae celestem*) de William Fitzstephen, no seu panegírico *Descriptio Nobilissimae Civitatis Londinae* (1175, citado em Stow, *A Survey of London*) como demonstração do facto de que o futebol era jogado pelos jovens de Londres no século XII. Embora mais prudente, Morris Marples, na sua *A History of Football* (Londres, 1954, pp. 19-21), conclui que «existe uma boa razão para pensar que Fitzstephen está realmente a referir-se ao futebol».

herança de Durkheim — quase como se elas possuíssem uma existência independente das pessoas. Fala-se, com frequência, de normas ou regras como se elas fossem dados, que resultassem por si próprios, para a integração de pessoas individuais na forma de sociedades e para o tipo particular de integração, para o padrão de sociedades. Em resumo, há muitas vezes a impressão de que as normas ou regras, como as ideias de Platão, possuem uma existência própria, que existem, de alguma maneira, em si mesmas e constituíssem, por esse motivo, o ponto de partida para reflexões sobre a maneira através da qual as pessoas constituem as sociedades.

Se alguém investigar sobre o modo de desenvolvimento das regras e normas, ficará mais bem habilitado para ver que a abordagem durkheimiana, que explica a coesão, a interdependência e a integração de seres humanos e de grupos em termos das regras e das normas a que obedecem, continua a revelar uma forte orientação nominalista. Ela própria conduz a uma concepção equívoca sobre a natureza da sociedade que está agora bastante divulgada. Nesta linha, a nítida distinção de valor feita a propósito de formas de conduta e de agrupamentos humanos que se desenvolvem de acordo com as normas estabelecidas, e de outras que tomam o sentido oposto, é considerada desvirtuada de atitude crítica no aparelho conceptual daqueles cujo trabalho consiste em estudar e, tanto quanto possível, explicar os problemas da sociedade. Estudos sociológicos dirigidos para a explicação da relação dos factos na sociedade, seriam frustrados se os classificassem dessa maneira, porque, em termos de explicação, as relações dos factos que se ajustam às normas estabelecidas e as dos outros que se desviam delas — «integração» e «desintegração», «ordem social» e «desordem social» — são interdependentes e constituem exactamente o mesmo tipo de factos⁵.

Se alguém investigar sobre os processos de desenvolvimento das normas e regras, a interdependência factual de «ordem» e «desordem», de «função» e «dissfunção», torna-se nítida, de forma notável. Porque, no decurso de tal processo, pode ver-se muitas vezes como regras e normas específicas são estabelecidas pelos seres humanos de modo a resolver formas específicas de mau funciona-

⁵Para um aprofundamento desta questão, ver Norbert Elias, *What is Sociology?*, Londres, 1978, pp. 75-6.

mento e como este, por seu lado, conduz a outras alterações nas normas, nos códigos de regras que governam a conduta das pessoas em grupos.

É possível verificar, também, com grande nitidez, o carácter ilusório de qualquer concepção da sociedade que sugere que regras ou normas possuem um poder próprio, como se fossem algo exterior e separado dos grupos de pessoas, e pudessem servir, enquanto tal, como uma explicação para o modo como as pessoas se reúnem em sociedades. O estudo do desenvolvimento dos «jogos-desporto»⁶ e, neste âmbito, o desenvolvimento das suas regras permitem-nos explorar, dentro de um campo que, comparativamente, se apresenta possível, a técnica da pesquisa sociológica para a qual utilizo, como denominação mais adequada, a análise e síntese «configuracionais» e para demonstrar qual é o modo como penso que estas devem ser utilizadas. Em particular, um estudo com estas características revela, com muita clareza, um dos factos básicos da estrutura das sociedades em geral, nomeadamente, o de que — em face de condições não humanas inalteráveis — as normas específicas no interior das quais as pessoas se reúnem só podem ser explicadas em termos de outras formas específicas de reunião. No estádio actual, continua a soar de forma bastante estranha a afirmação de que aquilo que se estuda como «padrões sociais», «estruturas sociais» e «configurações» são padrões, estruturas e configurações formadas por seres humanos. Costumes linguísticos e hábitos de pensamento levam-nos a falar e a pensar tais padrões como se eles fossem algo exterior e separado das pessoas que os formam.

Muitos termos sociológicos padronizados atingiram, é certo, um elevado grau de aplicabilidade em relação a estruturas observáveis. Entre eles encontra-se o próprio termo de «estrutura». E, contudo, tenho algumas reservas a respeito de expressões padronizadas como estas que utilizamos quando afirmamos que uma sociedade ou um grupo tem uma estrutura. Pode interpretar-se, facilmente, esta maneira de falar como se traduzisse o facto de o grupo ser alguma coisa separada das pessoas que o constituem. Aquilo a que chamamos «estrutura» não é, de facto, senão o padrão ou a

⁶Nem todos os jogos são «desportos» e nem todos os desportos são «jogos». O termo «jogos-desporto» refere-se àqueles — futebol, rãguebi, ténis, críquete, golfe, etc. — a que ambos os termos se aplicam.

configuração de pessoas individuais interdependentes que constituem o grupo ou, num sentido mais vasto, a sociedade. Aquilo que designamos pelo termo de «estruturas» quando consideramos quando as encaramos como indivíduos não são mais do que «configurações».

As configurações constituem, no estudo dos desportos, o fulcro da investigação. O desporto — qualquer que seja — é uma realidade de grupo organizada, centrada num confronto entre, pelo menos, duas partes. Exige um certo tipo de esforço físico, pelo que se de acordo com regras conhecidas, que definem os limites da violência que são autorizadas, incluindo aquelas que definem se a força física pode ser totalmente aplicada. As regras determinam a configuração inicial dos jogadores e dos seus padrões dinâmicos de acordo com o desenrolar da prova. Mas todos os tipos de desportos têm funções específicas para os participantes, para os espectadores ou para os respectivos países em geral. Quando a forma de um desporto fracassa na execução adequada destas funções, as regras podem ser modificadas.

Os desportos variam segundo as suas regras e, por esse motivo, as diferentes modelos de prática ou, por outras palavras, as diferentes configurações dos indivíduos envolvidos, como está determinada nas respectivas regulamentações e organizações que controlam o seu cumprimento. O problema é, evidentemente, saber o que distingue o tipo inglês de «jogar o jogo» — o tipo de jogos disputados, de regras e de organização a que agora nos referimos como «desportos» — dos outros tipos de jogos. Como é que se se constituiam? Como é que se desenvolvem, no decurso do tempo, o carácter distintivo das regras, das organizações, das relações, dos grupos de jogadores, no quadro da acção peculiar dos «desportos»? Como é evidente, este foi um dos processos no decurso do qual se desenvolveram, durante muitas gerações, estruturas específicas de relações de grupos e de actividades por meio da conjugação dos dos participantes, indivíduos ou grupos tivesse a intenção de planeasse a longo termo o resultado da sua acção. Nestas condições, o exame da emergência dos desportos como um problema meramente histórico não se trata de uma questão sem importância. Nos livros de história, a história dos desportos é apresentada, com frequência, como séries de actividades e decisões quase acidentais de

CAPÍTULO IV

algumas pessoas. Aquilo que parece conduzir à forma «final», à forma «amadurecida» do jogo, é colocado em evidência. O que é diferente ou oposto ao padrão «derradeiro» é muitas vezes abandonado na sombra, como irrelevante. Como se verá, o crescimento adequado, se for encarado antes, como um emaranhado fortuito de actividades e de decisões de alguns indivíduos ou grupos fortuito de o que sugerem as teorias sociológicas correntes, de acordo com «mudanças sociais». Alterações que se podem observar no desenvolvimento de desportos como o críquete e o futebol, assim como a caça à raposa e as corridas de cavalos, possuem não só um padrão mas uma direcção próprias. Este é o aspecto da história dos desportos salientado por quem se refere a ela como um «desenvolvimento filológico ou metafísico. O que se entende por desenvolvimento social só pode ser alcançado com a contribuição de estudos empíricos minuciosos. Só pode descobrir-se, neste contexto específico, se alguém investigar sobre a maneira como a caça à raposa, o boxe, o críquete, o futebol e outros desportos se «desenvolveram» de facto. Utilizei, provisoriamente, e em citações, a expressão «amadurecida» ou «derradeira» do jogo. Uma das descobertas feitas no decurso de investigações deste tipo foi a de que um jogo pode atingir, no decurso do seu desenvolvimento, um estado de equilíbrio peculiar. E quando este estádio foi alcançado, a estrutura global do seu desenvolvimento anterior modifica-se, a estrutura de ter atingido a sua forma «amadurecida», ou aquilo que se lhe pretenda chamar, não significa que todo o desenvolvimento terminou; significa, apenas, que este encerrou um novo estádio. Contudo, nem a existência deste, nem as suas características, nem, sequer, o significado global do seu desenvolvimento social podem ser determinados de qualquer outra maneira, excepto por meio de um empírico da própria prova. Por outro lado, o conhecimento preliminar do que se procura ao estudar a história de um desporto não é meramente a actividade isolada de indivíduos ou grupos, nem apenas um número de mudanças não padronizadas, mas uma sequência padronizada de alterações na organização, nas regras e na configuração actual do próprio jogo, o qual se orienta, durante um certo período, em direcção a um estádio específico de equilíbrio de